



## SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0202/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 28/07/2025

Conferência para a solução de dois Estados deve se reunir na ONU à medida que a fome se espalha em Gaza



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, dando uma coletiva de imprensa conjunta com o ministro interino das Relações Exteriores da Síria em Damasco em 31 de maio de 2025.

Enquanto a comunidade internacional se prepara para a conferência de solução de dois Estados em Nova York em 28 e 29 de julho, co-presidida pelo Reino da Arábia Saudita e pela França, as expectativas são altas de uma vontade política renovada para acabar com décadas de conflito e impulsionar uma paz viável. A conferência ocorre em meio à piora das condições humanitárias em Gaza e a uma mudança diplomática histórica: a decisão da França de reconhecer formalmente a Palestina como um Estado.

O evento - oficialmente intitulado Conferência Internacional de Alto Nível para a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados - está sendo descrito como urgente e histórico. O cenário é sombrio: desde os ataques do Hamas em 7 de outubro de 2023 que mataram aproximadamente 1.200 israelenses, incluindo 50 cidadãos franceses, a guerra em Gaza teve um preço

inimaginável. Mais de 56.000 palestinos morreram, e a infraestrutura e o tecido social da Faixa de Gaza estão em ruínas.

Desde o início, o Reino da Arábia Saudita ressaltou que o reconhecimento do Estado da Palestina não é meramente simbólico, mas uma "necessidade estratégica" para a paz regional. Antes da conferência, o ministro das Relações Exteriores, Príncipe Faisal bin Farhan, emitiu um comunicado dizendo que o Reino "não poupa esforços para apoiar todos os esforços destinados a alcançar uma paz justa na região e no mundo. Ele enfatiza consistentemente a importância de implementar a solução de dois Estados por meio de esforços políticos, diplomáticos e internacionais, pois é uma escolha estratégica que garante a paz e a segurança regionais e globais.

"Deste ponto de vista veio a presidência do Reino - junto com a República Francesa - da conferência internacional em nível ministerial para resolver a questão palestina pacificamente."

Ele enfatizou que a conferência visa impulsionar a implementação de resoluções de legitimidade internacional que pedem o estabelecimento de uma solução de dois Estados "onde o povo palestino possa exercer seu direito à autodeterminação. Isso trará paz e estabilidade à região e apoiará o desenvolvimento sustentável e a prosperidade."

Riade, intensificou os esforços para galvanizar o consenso internacional antes da cúpula. Manal Radwan, Conselheiro do Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, disse que uma resolução justa para a questão palestina é "a pedra angular de uma nova ordem regional baseada no reconhecimento mútuo e na coexistência".

O representante permanente da Eslovênia na ONU, Samuel Zbogar, disse ao Arab News: "O principal objectivo da conferência é mobilizar apoio político, de segurança e econômico concreto para a implementação da solução de dois Estados. Isso deve resultar em um Estado palestino independente, soberano e democrático que coexistirá em paz e segurança com Israel."

A Eslovênia foi um dos 10 países que, durante a guerra contínua de Israel em Gaza, reconheceu formalmente a Palestina, ao lado da Irlanda, Espanha e Noruega.

A embaixadora do Reino Unido na ONU, Barbara Woodward, também sublinhou a importância da cúpula. Ela disse ao Arab News: "O Reino Unido está resoluto em nosso compromisso com uma solução de dois Estados e meu secretário de Relações Exteriores deixou claro que estamos preparados para tomar novas medidas para evitar a erosão forçada do único caminho viável para uma paz duradoura. A conferência da próxima semana, co-presidida pela França e pelo Reino da Arábia Saudita, é uma oportunidade vital para demonstrar a força da determinação internacional para garantir um futuro melhor para israelenses, palestinos e a região." Um dos desenvolvimentos mais importantes antes da cúpula é o anúncio do presidente Emmanuel Macron em 24 de julho de que a França reconhecerá formalmente a Palestina, com a declaração oficial a ser feita na Assembleia Geral da ONU em setembro. "Não há alternativa", disse Macron no X. "Devemos garantir imediatamente um cessar-fogo, libertar todos os reféns e fornecer ajuda humanitária maciça a Gaza. Mas, acima de tudo, devemos construir o

Estado da Palestina ... desmilitarizado, viável e coexistindo com Israel em pleno reconhecimento e paz".

As reações foram rápidas. A Autoridade Palestina saudou a decisão, chamando-a de um passo em direcção à justiça e legitimidade internacional. Hussein Al Sheikh, vice-presidente da OLP, elogiou o "compromisso da França com o direito internacional e os direitos palestinos".

Israel condenou a medida. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu disse que "recompensa o terrorismo" e acusou a França de ajudar a legitimar o que poderia se tornar "um estado proxy iraniano". O ministro da Defesa israelense, Israel Katz, chamou a decisão de "uma vergonha".

Os Estados Unidos também criticaram a posição da França. O secretário de Estado, Marco Rubio, disse que isso encorajaria o Hamas e complicaria os esforços de paz. Apesar da resistência, analistas dizem que a medida da França pode inclinar a balança internacionalmente. 147 dos 193 Estados-membros da ONU – quase 75% – já reconhecem a Palestina, incluindo quase toda a Ásia, África, América Latina e o Médio Oriente. A França seria o primeiro país do G7 a se juntar a esse grupo. Os EUA, Canadá, Austrália, Alemanha e Reino Unido ainda não o fazem, citando a necessidade de negociações directas com Israel.

Um funcionário diplomático francês que informou aos jornalistas antes da cúpula descreveu-a como o início de um processo mais amplo, não um evento único. O objectivo: reviver o ímpeto político para um resultado de dois Estados, mesmo que essa visão enfrente reveses históricos.

A conferência se concentrará em quatro áreas temáticas principais, ou "cestas", destinadas a remover obstáculos à implementação de um Estado palestino:

**A primeira cesta**, se concentrará no reconhecimento da Palestina. França, Reino da Arábia Saudita e seus parceiros buscarão reunir outros países para reconhecer formalmente o Estado palestino. O reconhecimento, argumentam os organizadores, fortalecerá as vozes moderadas, principalmente a Autoridade Palestina, e ajudará a combater facções radicais e extremistas como o Hamas.

**A segunda área**, envolve normalização e integração regional. Embora não sejam esperados novos acordos de normalização, os estados árabes e muçulmanos serão encorajados a reafirmar sua prontidão para normalizar as relações com Israel - mas apenas se houver progresso confiável em direcção à criação de um Estado palestino. A mensagem é que a plena integração diplomática, económica e de segurança na região está ao alcance – se a paz for buscada.

**O terceiro pilar**, é a reforma da governação palestiniana. O presidente Mahmoud Abbas teria prometido uma série de reformas importantes em uma carta aos organizadores da conferência. Isso inclui uma condenação pública dos ataques de 07 de outubro, apoio à libertação incondicional de reféns e um compromisso de desarmar o Hamas. Abbas também prometeu acabar com o controverso programa "pay-for-slay", sob o qual estipêndios são pagos às famílias de agressores condenados, e reformar os materiais educacionais palestinos, incluindo livros didácticos. Mais significativamente,

Abbas prometeu realizar eleições dentro de um ano e garantir que qualquer futuro Estado palestino seja totalmente desmilitarizado - uma demanda israelense de longa data.

**A quarta e última cesta**, centra-se no desarmamento e na exclusão do Hamas. Os organizadores da conferência sublinham que o Hamas não deve ter nenhum papel no futuro Estado palestino – uma posição compartilhada por Israel, França e muitos outros. O desarmamento está sendo enquadrado como essencial para qualquer paz segura e duradoura.

A conferência reunirá ministros das Relações Exteriores e diplomatas de dezenas de países e se baseará no trabalho de oito grupos de trabalho, cada um com foco em áreas como segurança, ajuda humanitária e reconstrução pós-guerra. Paralelamente, as críticas internacionais generalizadas à conduta de Israel em Gaza estão aumentando. Em 21 de julho, os ministros das Relações Exteriores de 26 países, incluindo Canadá, Reino Unido, França, Japão e a maior parte da UE, declararam conjuntamente: "A guerra em Gaza deve terminar agora ... O sofrimento dos civis atingiu novas profundidades. O modelo de entrega de ajuda do governo israelense é perigoso e priva os habitantes de Gaza da dignidade humana ... O deslocamento forçado permanente é uma violação do direito internacional."

Eles pediram um cessar-fogo imediato, acesso humanitário e rejeitaram os planos de expansão dos assentamentos de Israel, incluindo o projecto E1, que dividiria qualquer futuro Estado palestino. Uma cúpula de acompanhamento está planejada para setembro na Assembleia Geral da ONU, a ser copresidida pelo presidente Macron e pelo Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman. Por enquanto, todos os olhos estão voltados para Nova York, onde a conferência de julho pode oferecer a última melhor esperança de reviver uma solução que antes parecia ao alcance - mas agora está por um fio. **Fonte-Arab News.**

## Chefe da MWL se reúne com embaixador do Quênia no Reino da Arábia Saudita



O Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa (à direita) mantém conversações com Mohamed Ramadhan Ruwange em Riade e em uma outra reunião reúne-se com o presidente da Euronews, Pedro Vargás David.

O secretário-geral da Liga Mundial Muçulmana, Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa, reuniu-se com Mohamed Ramadhan Ruwange, embaixador do Quênia no Reino da Arábia Saudita. Durante a reunião no escritório da liga em Riade, Al-Issa, que também é presidente da Organização de Estudiosos Muçulmanos, e o enviado discutiram tópicos de interesse mútuo.



Numa reunião separada, Al-Issa recebeu o presidente da Euronews, Pedro Vargas David. Debateram o sector dos meios de comunicação social e o seu impacto positivo esperado, destacando o papel da Euronews como emissora multilingue líder na Europa e a nível mundial. **Fonte-Arab News.**

## Cirurgiões sauditas separam gêmeos siameses sírios em operação de 8 horas



Cirurgiões sauditas separaram ontem as gêmeas siamesas sírias Celine e Eline em uma operação de oito horas em Riade.

Cirurgiões sauditas separaram ontem domingo, as gêmeas siamesas sírias Celine e Eline em uma operação de oito horas no Hospital Infantil Especializado Rei Abdullah, em Riade.

"É uma sensação indescritível. Na verdade, é um sentimento além das palavras", disse Abdulnaeim Al-Shubli, pai dos gêmeos. "Obrigado ao Dr. Abdullah Al-Rabeeah e à equipe médica especializada. Estou profundamente grato. De agora em diante, passaremos de melhor para ainda melhor", acrescentou.

"O Reino da Arábia Saudita é nossa segunda casa. É como se tivéssemos vindo para ficar com nossa própria família e filhas."

Celine e Eline, de 17 meses, estavam siamesas na parte inferior do tórax e no abdômen. Eles nasceram em fevereiro de 2024 no Hospital Rafik Hariri em Beirute como parte de um nascimento de trigêmeos. Seu irmão, Sanad, nasceu saudável e não unido. A família fugiu de Aleppo em 2013 depois que sua casa foi destruída durante a guerra e vive no Líbano desde então.

Os gêmeos foram evacuados clinicamente para Riade em dezembro de 2024 para receber cuidados especializados. Al-Shubli disse que eles passaram por quatro meses de preparação antes da cirurgia.

"Eles estavam sob supervisão 24 horas por uma equipe médica consultora. As meninas receberam cuidados completos durante todo esse período e, depois disso, me disseram que a cirurgia prosseguiria. A operação foi o 66º procedimento do Programa de Gêmeos Siameses Sauditas. É também a quarta separação de gêmeos

siameses sírios que foi realizada como parte da iniciativa, que tratou casos de 27 países desde seu lançamento em 1990.

Hussein Abdulaziz, encarregado de negócios da Embaixada da Síria em Riade, disse que o procedimento fazia parte dos esforços humanitários mais amplos do Reino para ajudar as famílias sírias que precisam de cuidados médicos.

Ele disse: "Casos como esses são medicamente complexos e difíceis, e exigem um estudo minucioso. Do ponto de vista humanitário, essas cirurgias vêm com custos financeiros muito altos, mas o Reino da Arábia Saudita, por meio de seu trabalho humanitário e de caridade, tira esse fardo inteiramente dos ombros das famílias das crianças. **Fonte-Reuters.**

### Autoridades sauditas reprimem violações sobre o turismo



O Ministério do Turismo intensificou as inspecções direccionadas aos prestadores de serviços turísticos nos principais destinos de verão em cidades e regiões em todo o Reino.

O Ministério do Turismo intensificou as inspecções direccionadas aos prestadores de serviços turísticos nos principais destinos de verão em cidades e regiões em todo o Reino.

No mês passado, as equipas de inspecção realizaram cerca de 2.750 visitas de campo, detectando cerca de 170 violações, de acordo com um relatório da Agência de Imprensa Saudita. Estas visitas tiveram como objectivo garantir que as entidades turísticas são licenciadas pelo ministério, salvaguardando os direitos dos turistas nacionais e internacionais no âmbito do programa de Verão Saudita.

Em Asir, das mais de 420 inspecções realizadas, descobriram mais de 25 violações. Em Taif, das mais de 360 visitas, revelaram cerca de 25 violações.

Jeddah registrou mais de 1.680 visitas, revelando mais de 110 violações. Na região de Baha, mais de 280 inspecções resultaram em cinco violações. O ministério enfatizou que todos os prestadores de serviços de turismo - incluindo agências de viagens, escritórios de consultoria e organizadores de eventos - devem cumprir os regulamentos e demais regulamentos do turismo para proteger os direitos dos turistas. Também instou o público a relatar quaisquer preocupações sobre os serviços de turismo por meio do call center unificado no 930. **Fonte-Arab News.**

## Colonos israelenses atacam aldeia cristã na Cisjordânia



Colonos israelenses atacaram a aldeia palestina cristã de Taybeh, na Cisjordânia ocupada.

Colonos israelenses atacaram a aldeia cristã palestina de Taybeh, na Cisjordânia ocupada, incendiando carros e pichando grafites ameaçadores, informou hoje a Autoridade Palestina. "Colonos israelenses lançaram um ataque terrorista esta noite na aldeia palestina cristã de Taybeh (Ramallah), incendiando veículos palestinos e pintando com spray ameaças racistas em hebraico em casas e propriedades", escreveu a autoridade com sede em Ramallah no X. Um morador de Taybeh, falando anonimamente por razões de segurança, disse à AFP que o ataque ocorreu por volta das 2h00 (23h00 GMT). com pelo menos dois veículos queimados. Eles disseram que um veículo pertencia a um jornalista, embora tenham notado que os danos pareciam ter como alvo a propriedade palestina em geral. Uma foto compartilhada por uma agência do governo palestino no X mostrou pichações em uma parede de Taybeh que diziam: "Al-Mughayyir, você vai se arrepender", referindo-se a uma vila próxima que também foi atacada por colonos no início deste ano.

O Ministério das Relações Exteriores da Autoridade Palestina condenou o ataque, chamando-o de "terrorismo de colonos". O embaixador da Alemanha em Israel, Steffen Seibert, também o condenou, escrevendo no X: "Esses colonos extremistas podem alegar que Deus lhes deu a terra. Mas eles não são nada além de criminosos abomináveis para qualquer fé. A vila - lar de cerca de 1.300 palestinos, em sua maioria cristãos, muitos com dupla cidadania americana - é conhecida por sua cervejaria, a mais antiga dos territórios palestinos. Os colonos atacaram comunidades vizinhas nos últimos meses, resultando em três mortes, danos aos poços de água palestinos e o deslocamento de pelo menos uma comunidade rural de pastoreio. **Fonte-Reuters.**

## Calor escaldante no Iraque superior 50° C

Os iraquianos enfrentam nesta segunda-feira um calor escaldante na capital Bagdá e em partes do sul do país, onde o serviço meteorológico disse que as temperaturas chegaram a 51°C . Os 46 milhões de habitantes do Iraque enfrentam o aumento das temperaturas, escassez crônica de água e secas anuais, em um país intensamente impactado pelos efeitos das mudanças climáticas. As temperaturas do verão costumam subir para 52 ° C, especialmente em julho e agosto. Nas movimentadas ruas do centro de Bagdá na segunda-feira, as pessoas buscavam alívio do calor sufocante em frente a ventiladores de névoa instalados perto de restaurantes e lojas. Alguns pedestres encharcaram o rosto com água fria comprada de vendedores na calçada, enquanto os motoristas tiveram que parar na beira da estrada para resfriar os motores. O serviço meteorológico nacional disse



que a temperatura chegou a 51°C em Bagdá e em áreas ao sudeste da capital, da província central de Wasit a Dhi Qar, Missan e Basra, no sul. Outras oito províncias atingiram hoje 50 ° C, com temperaturas que devem cair ligeiramente na próxima quarta-feira. **Fonte-Reuters.**

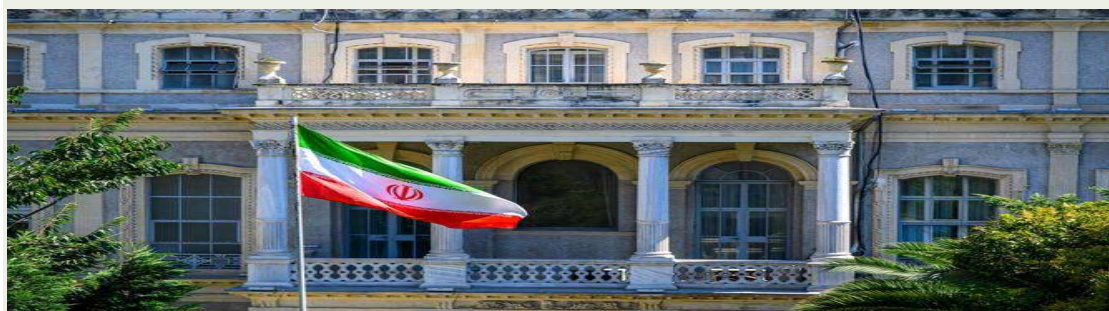
## Houthis do Iêmen ameaçam atacar navios ligados a empresas que lidam com portos israelenses

Os houthis do Iêmen disseram ontem que teriam como alvo todos os navios pertencentes a empresas que fazem negócios com portos israelenses, independentemente de suas nacionalidades, como parte do que chamaram de quarta fase de suas operações militares contra Israel.

Em um comunicado televisionado, o porta-voz militar dos houthis alertou que os navios seriam atacados se as empresas ignorassem seus avisos, independentemente de seu destino. "As Forças Armadas do Iêmen pedem a todos os países, se quiserem evitar essa escalada, que pressionem o inimigo a interromper sua agressão e suspender o bloqueio à Faixa de Gaza", acrescentou.

Desde que a guerra de Israel em Gaza começou em outubro de 2023, os houthis alinhados ao Irão têm atacado navios que consideram ligados a Israel no que dizem ser actos de solidariedade com os palestinos. Em maio, os EUA anunciaram um acordo surpresa com os houthis, onde concordaram em interromper uma campanha de bombardeio contra eles em troca do fim dos ataques marítimos, embora os houthis tenham dito que o acordo não incluía poupar Israel. **Fonte-Reuters.**

## AIEA visitará o Irão nas próximas duas semanas, diz Ministério das Relações Exteriores iraniano

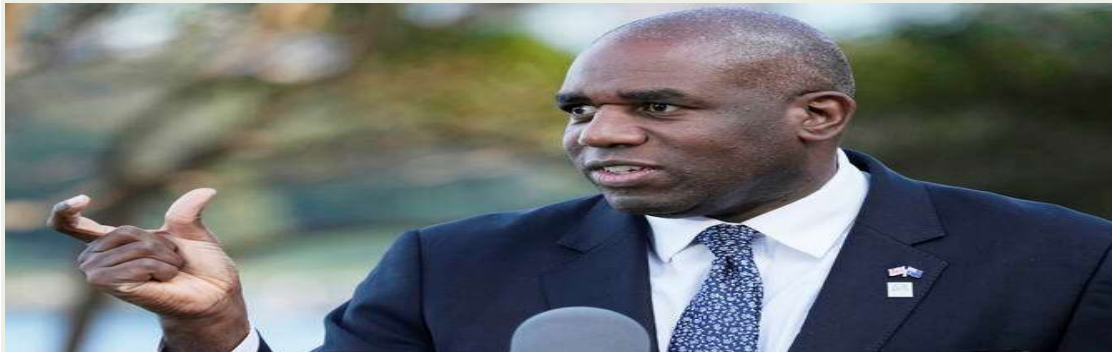


Uma bandeira iraniana tremula em frente ao consulado iraniano, onde diplomatas iranianos se encontram com colegas da Alemanha, Grã-Bretanha e França para novas negociações nucleares, em meio a alertas de que as três potências europeias poderiam desencadear sanções "rápidas" descritas no acordo de 2015, em Istambul, Turquia, em 25 de julho de 2025.

A agência nuclear da Organização das Nações Unidas (ONU) fará uma visita ao Irão nas próximas duas semanas, disse hoje o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irão, Esmail Baghaei, poucos dias depois que o director da agência disse que Teerão está pronto para reiniciar as conversas técnicas. Baghaei acrescentou que será apresentado um manual sobre o futuro da cooperação do Irão com a Agência Internacional de Energia Atômica, com base em um recente projecto de lei parlamentar que restringe essa cooperação. **Fonte-Reuters.**



## Pausas diárias de Israel ficam aquém de aliviar sofrimento em Gaza, diz Reino Unido



O secretário de Estado da Grã-Bretanha para Assuntos Exteriores, da Commonwealth e do Desenvolvimento, David Lammy, fala em uma coletiva de imprensa na Admiralty House após as Consultas Ministeriais Austrália-Reino Unido (AUKMIN) em Sydney, Austrália, na passada sexta-feira, 25 de julho de 2025.

A decisão de Israel de pausar as operações militares por 10 horas por dia em partes de Gaza e permitir novos corredores de ajuda fica aquém do que é necessário para aliviar o sofrimento no enclave, disse o secretário de Relações Exteriores da Grã-Bretanha, David Lammy.

Lammy disse em um comunicado que o anúncio de Israel era "essencial, mas há muito esperado" e que o acesso à ajuda agora deve ser acelerado com urgência nas próximas horas e dias. "Este anúncio por si só não pode aliviar as necessidades daqueles que sofrem desesperadamente em Gaza", disse Lammy. "Precisamos de um cessar-fogo que possa acabar com a guerra, para que os reféns sejam libertados e a ajuda para entrar em Gaza por terra sem impedimentos." Os militares israelenses disseram que a "pausa tática" na Cidade de Gaza, Deir Al-Balah e Muwasi, três áreas com grandes populações, aumentaria a ajuda humanitária que entra no território. A pausa vai das 10h às 20h diariamente até novo aviso.

A Jordânia disse que realizou três lançamentos aéreos sobre Gaza, incluindo um em cooperação com os Emirados Árabes Unidos, lançando 25 toneladas de alimentos e suprimentos em vários locais.

"Seja qual for o caminho que escolhermos, teremos que continuar a permitir a entrada de suprimentos humanitários mínimos", disse o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, em um comunicado. Apesar do anúncio de pausas temporárias, os ataques israelenses mataram pelo menos 38 palestinos entre o final do passado sábado e ontem domingo, incluindo 23 em busca de ajuda. **Fonte-Reuters.**

## Síria deve realizar eleições parlamentares em setembro

A Síria deve realizar sua primeira eleição parlamentar sob o novo governo em setembro, disse hoje o Chefe do processo eleitoral. A votação para a Assembleia Popular está prevista para ocorrer de 15 a 20 de setembro, acrescentou o funcionário, Mohammed Taha. **Fonte-Reuters.**

## EUA e UE fecham acordo com tarifa de 15% para evitar guerra comercial



O presidente dos EUA, Donald Trump, aperta a mão da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, em Turnberry, Escócia, Grã-Bretanha, em 27 de julho de 2025.

Os Estados Unidos fecharam um acordo comercial com a União Europeia ontem domingo, impondo uma tarifa de importação de 15 por cento sobre a maioria dos produtos da UE - metade da taxa ameaçada - e evitando uma guerra comercial maior entre os dois aliados, que respondem por quase um terço do comércio global. O presidente dos EUA, Donald Trump, e a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciaram o acordo no luxuoso campo de golfe de Trump no oeste da Escócia, após uma reunião de uma hora que empurrou o acordo para o longo prazo. "Acho que este é o maior acordo já feito", disse Trump a repórteres, elogiando os planos da UE de investir cerca de US \$ 600 bilhões nos Estados Unidos e aumentar drasticamente suas compras de energia e equipamentos militares dos EUA. Trump disse que o acordo, que supera um acordo de 550 bilhões de dólares assinado com o Japão na semana passada, expandirá os laços entre as potências transatlânticas após anos do que ele chamou de tratamento injusto aos exportadores dos EUA.

Von der Leyen, descrevendo Trump como um negociador duro, disse que a tarifa de 15 por cento se aplicava "em todos os sectores", dizendo mais tarde a repórteres que era "o melhor que poderíamos conseguir".

"Temos um acordo comercial entre as duas maiores economias do mundo, e é um grande negócio. É um grande negócio. Isso trará estabilidade. Isso trará previsibilidade", disse ela. O acordo, que Trump disse que prevê US \$ 750 bilhões em compras de energia dos EUA pela UE nos próximos anos e "centenas de bilhões de dólares" em compras de armas, provavelmente significa boas notícias para uma série de empresas da UE, incluindo Airbus, Mercedes-Benz e Novo Nordisk, se todos os detalhes se confirmarem. A tarifa básica de 15 por cento ainda será vista por muitos na Europa como muito alta, em comparação com as esperanças iniciais da Europa de garantir um acordo tarifário de zero por zero, embora seja melhor do que a taxa ameaçada de 30 por cento. O chanceler alemão, Friedrich Merz, saudou o acordo, dizendo que ele evitou um conflito comercial que teria atingido duramente a economia alemã voltada para as exportações e seu grande sector automotivo. As montadoras alemãs, VW, Mercedes e BMW foram algumas das mais atingidas pela tarifa de 27,5 por cento dos EUA sobre as importações de automóveis e peças agora em vigor.

Mas Bernd Lange, o social-democrata alemão que lidera o comitê de comércio do Parlamento Europeu, disse que as tarifas são desequilibradas e que o pesado investimento da UE destinado aos EUA provavelmente virá às custas do próprio bloco. Trump mantém a capacidade de aumentar as tarifas no futuro se os países europeus não cumprirem seus compromissos de investimento, disse um alto funcionário do governo dos EUA a repórteres na noite de ontem. O euro subiu cerca de 0,2 por cento em relação ao dólar, libra esterlina e iene dentro de uma hora após o anúncio do acordo. **Fonte-Reuters.**

## Starmer tem chance de corrigir um erro histórico



**CHRIS DOYLE**

27 de julho de 2025



Um manifestante segura um cartaz com a mensagem com um jogo de palavras com o nome do primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Keir Starmer.

O debate febril nos últimos meses se concentrou em saber se o Reino Unido e a França reconhecerão o Estado da Palestina. O presidente francês, Emmanuel Macron, disse em fevereiro que o reconhecimento "não era um tabu". A França e o Reino da Arábia Saudita deveriam realizar uma conferência sobre a solução de dois Estados em Nova York em junho, mas foi adiada pela agressão de Israel contra o Irão. Em vez disso, esta sendo realizada esta semana. Mas a posição do Reino Unido está longe de ser clara? O primeiro-ministro Keir Starmer concordará em participar ou adiará?

Nenhum país do mundo tem mais história de lidar com a questão da Palestina do que a Grã-Bretanha. Afinal, foi o autor da Declaração Balfour de 1917, na qual prometeu apoio a uma pátria judaica na Palestina. Não mencionou um segundo estado nessa declaração. Londres teve que lidar com isso como o poder obrigatório até 1947, quando entregou a questão à recém-formada ONU para resolver.

Em novembro daquele ano, a Assembleia Geral da ONU votou pela partição. O Reino Unido absteve-se nessa resolução. No entanto, sua saída da Palestina foi um dos pontos

baixos de sua era colonial no Médio Oriente. Fez pouca ou nenhuma tentativa de frustrar a guerra que começou antes mesmo de suas tropas partirem.

Os palestinos argumentam que, diante de tudo isso, a Grã-Bretanha tem uma responsabilidade histórica particular em relação à Palestina. Muitos argumentam que deveria estar na vanguarda da pressão pela criação desse segundo estado.

Não foi até a Declaração de Veneza de 1980 que as potências europeias, incluindo o Reino Unido, se comprometeram a reconhecer o direito palestino ao autogoverno. Mesmo depois disso, muitos anos se passaram antes que a Grã-Bretanha tivesse qualquer relacionamento formal com a Organização para a Libertação da Palestina como o único representante legítimo do povo palestino. Sucessivos governos agiram apenas como vocalistas de apoio à posição dos EUA na maioria dos aspectos da questão palestina.

Com os Acordos de Oslo de 1993, cresceu a expectativa de que um processo de paz levaria a um Estado palestino. A Grã-Bretanha e outros estados doadores investiram pesadamente nessa opção e a ajuda à incipiente Autoridade Palestina cresceu como resultado. Tudo sob a rubrica de que isso levaria a uma solução de dois estados, um Israel seguro lado a lado com um estado da Palestina baseado nas fronteiras de 1967.

A liderança palestina mudou sua estratégia após a Segunda Intifada para pressionar pelo reconhecimento. A AGNU aprovou o reconhecimento de facto do Estado soberano da Palestina em 2012 e o Estado da Palestina também começou a solicitar a adesão a instituições internacionais, incluindo o Tribunal Penal Internacional.

Em 2014, a posição do governo do Reino Unido foi delineada pelo então secretário de Relações Exteriores, William Hague, que disse que Londres "se reserva o direito de reconhecer um Estado palestino bilateralmente no momento de nossa escolha e quando puder ajudar a trazer a paz".

Em 13 de outubro de 2014, ocorreu um debate na Câmara dos Comuns com uma moção votável: "Que esta Câmara acredita que o governo deve reconhecer o Estado da Palestina ao lado do Estado de Israel". O resultado da votação foi de 274 a 12, uma maioria de 262 a favor do reconhecimento. Isso não era vinculativo para o governo da época, mas era um sinal claro da opinião parlamentar. O baixo número de oponentes à moção indicou que poucos políticos estavam dispostos a se opor a ela em público.

Significativamente, esta moção foi apoiada pelo líder do Partido Trabalhista na época, Ed Miliband. Ele disse que o reconhecimento era "certo, justo, justo e alinhado com os valores" de seu partido. Isso vinculou o Partido Trabalhista ao apoio ao reconhecimento. Ao contrário da crença generalizada, não foi seu sucessor pró-palestino, Jeremy Corbyn, quem primeiro fez esse movimento.

Keir Starmer herdou essa postura quando se tornou líder trabalhista após a derrota eleitoral em 2019. Mas ele fez uma mudança significativa na posição do Partido Trabalhista antes da eleição de 2024. O manifesto comprometeu o partido a reconhecer um Estado palestino, mas apenas como parte de um processo de paz. Ele afirmou: "Estamos comprometidos em reconhecer um Estado palestino como uma contribuição



para um processo de paz renovado que resulte em uma solução de dois Estados com um Israel seguro e protegido ao lado de um Estado palestino viável e soberano".

A falta de clareza foi deliberada. A decisão sobre o momento estaria nas mãos do primeiro-ministro.

O debate durou sobre se essas posições significavam que Israel tinha poder de veto. Vincular o reconhecimento ao estado de um processo de paz, quando a política oficial do governo de Israel não era entrar em negociações, significava que esse era, de facto, exatamente o caso.

Tudo mudou depois de 7 de outubro de 2023. À medida que o genocídio de Israel avança, cresce a pressão sobre os governos europeus, incluindo o Reino Unido, para endurecer com Tel Aviv. Isso incluiu um esforço para reconhecer a Palestina.

Em maio de 2024, Irlanda, Noruega e Espanha reconheceram a Palestina. Israel retirou seus embaixadores desses estados. Estados europeus maiores, como o Reino Unido, rejeitaram a oportunidade de aderir a esse movimento.

Isso nos leva ao presente. Diante do anúncio de Macron de que a França reconhecerá um Estado palestino em setembro, o foco volta para Starmer. Ele está enfrentando uma pressão considerável para fazer a mudança imediatamente.

Os ministros do gabinete teriam pressionado Starmer pelo reconhecimento. Eles incluem a vice-primeira-ministra Angela Rayner e a secretária do Interior Yvette Cooper. O secretário de Relações Exteriores, David Lammy, também provavelmente apoiou esse movimento.

Agora, 221 membros do Parlamento de nove partidos escreveram a Starmer expressando seu apoio a tal movimento. Mais de 130 deles são seus próprios parlamentares trabalhistas. Outros estão apoiando esta carta até agora. O prefeito de Londres, Sadiq Khan, anunciou seu apoio, assim como o líder do Partido Trabalhista na Escócia, Anas Sarwar. O Financial Times citou um alto funcionário do Partido Trabalhista afirmando: "O bloqueio disso é o próprio Keir, bem como seus conselheiros seniores. Eles querem ficar perto dos EUA."

A opinião pública é mais favorável ao reconhecimento do que contra. Pesquisas recentes indicam um grande número de "não sabe", mas, em uma pesquisa de junho, 64% dos eleitores trabalhistas disseram acreditar que o Reino Unido deveria reconhecer a Palestina. Apenas 2% desses eleitores se opuseram a qualquer reconhecimento. Isso destaca que Starmer teria o apoio da base de seu partido político se fosse em frente.

O que está impedindo Starmer? A resposta óbvia é os EUA. Starmer está desesperadamente ansioso para manter termos construtivos com o presidente americano Donald Trump. Ele escolherá suas batalhas com ele - e é improvável que uma seja sobre o reconhecimento da Palestina. Há também a questão da ressaca da era Corbyn, quando o Partido Trabalhista foi inundado por acusações de antissemitismo e perdeu apoio considerável dentro da comunidade judaica britânica. Starmer e seu círculo não desejam reviver essa experiência. Alguns argumentam que também é a crença pessoal fortemente sustentada de Starmer.

Dois argumentos parecem prevalecer em 10 Downing Street. Em primeiro lugar, esse reconhecimento não aproximaria a paz. A segunda é a linha israelense de que isso recompensa o Hamas e suas atrocidades. O contra-argumento é que, longe de recompensar o Hamas, é o movimento nacional palestino que seria impulsionado.

A posição de Starmer é reversível? Ele fez reviravoltas em políticas domésticas significativas, então é possível. Um argumento é que, se Starmer não fizer isso em conjunto com a França, em que circunstâncias ele o faria? A França ofereceria cobertura diplomática e encorajaria outros estados a fazerem o mesmo.

Por outro lado, Starmer já está, em muitos aspectos, tratando a Palestina como um estado em tudo, excepto no nome. Em maio, ele se encontrou com o primeiro-ministro da Autoridade Palestina, Mohammed Mustafa, em Downing Street, com as duas bandeiras em exibição, como se Mustafa fosse chefe de um governo estadual.

O reconhecimento do Reino Unido importaria? Israel parece pensar assim, assim como os EUA. Isso explica sua condenação directa de qualquer estado que reconheça a Palestina.

Os defensores da mudança acreditam que isso também é importante. Isso significaria o reconhecimento oficial - décadas tarde demais, talvez - de que os palestinos têm direito à autodeterminação, que têm direitos nacionais e que, assim como os israelenses, têm direito a um Estado próprio. Adquirir a condição de Estado também traria benefícios legais para os palestinos.

Qualquer reconhecimento do Reino Unido seria em grande parte simbólico. No entanto, se o Reino Unido reconhecesse a Palestina, estaria reconhecendo um estado sob ocupação. Isso é importante porque demonstra que essa ocupação israelense de 58 anos tem que acabar - e o fracasso em fazê-lo deve ter consequências.

**Chris Doyle** é director do Conselho para o Entendimento Árabe-Britânico em Londres.  
X: @Doylech

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA  
NACIONAL DE ANGOLA**

**1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas  
alcançadas, construindo um futuro melhor